

A FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA PARA FALANTES DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE DIFICULDADES ARTICULATÓRIAS E ESTRATÉGIAS DE APERFEIÇOAMENTO

Francisco Rian Pereira Sales ¹
Weriberlan Wanderley Monteiro ²
Kelly Keltylly Faustino Lucena ³

RESUMO

O presente artigo investiga as dificuldades fonéticas e fonológicas enfrentadas por falantes de português ao aprender inglês, com foco nos desafios articulatórios e nas estratégias para aprimorar a pronúncia e a inteligibilidade. Fundamentado em teorias de fonética e fonologia de autores como Ana B. Jorge, Rubens Lago e Letícia Araújo, o estudo compara os sistemas sonoros das duas línguas, identificando fatores que dificultam a aquisição de uma pronúncia precisa. Entre os principais desafios enfrentados pelos aprendizes, destacam-se a produção dos fonemas /θ/ e /ð/, ausentes no português, a distinção entre vogais tônicas e átonas, e os padrões rítmicos do inglês, que diferem significativamente da prosódia do português. A análise acústica e relatos de aprendizes indicam que a interferência fonológica da língua materna compromete a inteligibilidade da fala, reforçando a necessidade de abordagens pedagógicas específicas. Como contribuição, o estudo propõe técnicas eficazes para o aprimoramento da pronúncia, incluindo shadowing, treinos articulatórios direcionados e exercícios de percepção auditiva, comprovadamente úteis para o desenvolvimento da fala em inglês. Além disso, considera o uso de recursos interativos, como gamificação e dinâmicas que oferecem feedback imediato, recompensas e progressão gradual, estimulando a confiança e a precisão na produção oral. A implementação de estratégias pedagógicas inovadoras favorece um ambiente de aprendizado mais engajador, minimizando barreiras emocionais e incentivando a participação ativa dos estudantes. A pesquisa também enfatiza a importância da exposição contínua ao idioma e do feedback fonético estruturado como fatores essenciais para o desenvolvimento da fluência. Os resultados reforçam que um treinamento fonético bem planejado pode reduzir erros de articulação e melhorar significativamente a comunicação oral dos aprendizes, tornando o processo de aquisição da língua estrangeira mais eficiente e natural.

Palavras-chave: Fonética, Fonologia, Aquisição da língua, Pronúncia, Fluência.

INTRODUÇÃO

O domínio da pronúncia em uma língua estrangeira é um dos aspectos mais desafiadores para aprendizes, especialmente quando há diferenças significativas entre os sistemas fonológicos da língua materna e da língua-alvo. No caso de falantes de português brasileiro

¹ Graduando do Curso de Letras - Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, rianpereira8462@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras - Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, ir.weriberlanwanderley@gmail.com;

³ Professor orientador: Mestranda, Centro Universitário de Patos - PB, kellykeltylly@gmail.com.

aprendendo inglês, essas dificuldades se intensificam devido à presença de fonemas inexistentes no português, como os sons interdentais /θ/ e /ð/, além de contrastes vocálicos baseados em duração e tensão, que não são foneticamente relevantes em português (JORGE, 2018; LAGO, 2013). A fonética e a fonologia, portanto, desempenham papel central na aquisição da competência comunicativa, pois influenciam diretamente a inteligibilidade da fala e a confiança do falante.

A relevância do tema se justifica pela constatação de que, mesmo após anos de estudo, muitos aprendizes brasileiros continuam enfrentando dificuldades na produção oral do inglês, o que compromete sua fluência e eficácia comunicativa. A interferência da língua materna, a ausência de treinamento auditivo sistemático e a pouca ênfase dada à fonética nos currículos tradicionais são fatores que contribuem para esse cenário (ARAÚJO, 2010). Além disso, o inglês, enquanto língua franca global, apresenta uma diversidade de variantes e sotaques, o que torna ainda mais complexa a definição de um modelo fonético ideal para o ensino.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo investigar as dificuldades fonéticas e fonológicas enfrentadas por falantes de português na aprendizagem do inglês, com foco nos desafios articulatórios e nas estratégias pedagógicas utilizadas para superá-los. A pesquisa foi realizada em três escolas de idiomas da cidade de Patos, com observações de aulas nos níveis iniciante e intermediário, além de levantamento bibliográfico fundamentado nos estudos de Jorge (2018), Lago (2013) e Araújo (2010). A escolha por essa abordagem se deu pela necessidade de compreender como o ensino da pronúncia é tratado na prática e quais recursos têm sido eficazes na promoção da inteligibilidade.

A metodologia adotada foi qualitativa e exploratória, com análise comparativa dos sistemas fonológicos do português e do inglês, observação de práticas pedagógicas e entrevistas com professores e alunos. Os dados foram analisados à luz das teorias fonéticas e fonológicas, considerando também aspectos emocionais e motivacionais que influenciam o desempenho oral dos aprendizes. Os resultados indicam que há uma lacuna significativa no ensino da pronúncia, com predominância de abordagens gramaticais e pouca atenção à fonética articulatória e perceptiva. No entanto, práticas que envolvem treinamento auditivo, uso de recursos interativos e feedback imediato mostraram-se promissoras para o desenvolvimento da produção oral.

Portanto, este estudo reforça a importância de integrar o ensino da fonética ao currículo de inglês como língua estrangeira, priorizando a inteligibilidade e respeitando a identidade linguística dos aprendizes. A adoção de estratégias como shadowing, exercícios articulatórios e gamificação pode contribuir significativamente para a superação das dificuldades fonológicas,

tornando o processo de aprendizagem mais eficaz, motivador e alinhado às necessidades comunicativas reais dos estudantes brasileiros.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, com o objetivo de compreender como o ensino da fonética e fonologia da língua inglesa é conduzido em escolas de idiomas voltadas para falantes de português brasileiro. A escolha por essa abordagem se justifica pela natureza subjetiva e contextual do fenômeno investigado, que envolve práticas pedagógicas, percepções dos aprendizes e estratégias de ensino aplicadas em sala de aula.

A coleta de dados foi realizada por meio de observações não participativas em três instituições de ensino de idiomas localizadas na cidade de Patos, Paraíba. As aulas observadas pertenciam aos níveis iniciante e intermediário, permitindo uma análise comparativa entre os desafios enfrentados por alunos em diferentes estágios de aprendizagem. As observações foram registradas em diário de campo, com foco nas atividades voltadas à pronúncia, nos recursos utilizados pelos professores e nas reações dos alunos diante das correções fonéticas.

Complementarmente, foi realizado um levantamento bibliográfico aprofundado, com base nos estudos de Jorge (2018), Lago (2013), Araújo (2010) e Steinberg (1985), que tratam da aquisição da pronúncia em língua estrangeira, da interferência da língua materna e das estratégias fonéticas eficazes para o ensino do inglês. Essa triangulação entre dados empíricos e teóricos permitiu uma análise mais robusta e contextualizada dos achados.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise de conteúdo, com categorização temática das práticas observadas e dos relatos dos participantes. As categorias emergentes incluíram: dificuldades articulatórias recorrentes, estratégias de correção fonética, uso de recursos interativos, e percepção dos alunos sobre sua própria produção oral. Essas categorias foram confrontadas com o referencial teórico para identificar convergências e lacunas entre a prática pedagógica e as recomendações acadêmicas.

No que diz respeito aos aspectos éticos, todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e consentiram com a observação das aulas. Os dados coletados foram anonimizados, garantindo o sigilo das informações e o respeito à privacidade dos envolvidos. Como não houve coleta de imagens ou gravações de voz, não foi necessária aprovação por comitê de ética, mas os princípios éticos da pesquisa científica foram rigorosamente observados.

A escolha por observar aulas presenciais em instituições privadas se deu pela facilidade de acesso e pela representatividade dessas escolas no cenário local de ensino de idiomas. No entanto, reconhece-se que essa delimitação pode limitar a generalização dos resultados, o que reforça a necessidade de estudos futuros com amostras mais amplas e diversificadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fonética e a fonologia são áreas fundamentais da linguística que estudam, respectivamente, os sons da fala em sua realização física e os padrões abstratos que regem a organização desses sons em uma língua. No contexto do ensino de inglês como língua estrangeira para falantes de português brasileiro, essas disciplinas assumem papel estratégico, pois permitem identificar e compreender os contrastes sonoros entre os dois sistemas linguísticos, facilitando a superação de dificuldades articulatórias e perceptivas.

Segundo Jorge (2018), a interferência da língua materna é um fenômeno natural no processo de aquisição de uma segunda língua. Essa interferência se manifesta pela tendência dos alunos em adaptar os fonemas do inglês aos sons mais próximos do português, o que pode comprometer a inteligibilidade da fala. Esse fenômeno é conhecido como transferência linguística e ocorre com frequência na produção de fonemas interdentais, como /θ/ e /ð/, que são substituídos por /s/, /t/, /f/ ou /d/, dependendo do contexto fonológico e da familiaridade do falante com os sons-alvo.

Lago (2013) aprofunda essa discussão ao destacar que o sistema fonológico do inglês é mais complexo que o do português, especialmente no que diz respeito às consoantes e às vogais. O inglês apresenta vogais que variam em duração (curtas e longas), tensão e qualidade, o que exige do aprendiz uma atenção auditiva refinada. Exemplos como "bit" /bit/ e "beat" /bi:t/ ilustram como a diferença de duração pode alterar o significado da palavra, algo que não ocorre no português, onde a duração vocalica não é distintiva. Além disso, o inglês possui consoantes aspiradas, como /pʰ/, /tʰ/ e /kʰ/, que não têm equivalentes diretos no português, o que pode gerar confusão na percepção e produção desses sons.

Araújo (2010) contribui com uma perspectiva voltada ao processamento auditivo, enfatizando que a exposição contínua aos sons do inglês e o treinamento auditivo sistemático são essenciais para o desenvolvimento da percepção fonêmica. Seus estudos indicam que, embora o contato prévio com o sistema fonético da língua inglesa não garanta melhora imediata na produção oral, ele favorece significativamente a capacidade de discriminação auditiva, o que é um passo fundamental para a aquisição da pronúncia correta. A autora também destaca que o

ensino da fonética deve ser conduzido com equilíbrio, respeitando o ritmo de aprendizagem do aluno e evitando correções excessivas que possam gerar insegurança ou bloqueios emocionais.

Steinberg (1985), citada por Jorge (2018), reforça a importância de considerar a inteligibilidade como objetivo principal do ensino da pronúncia. Em vez de buscar a reprodução de um sotaque nativo idealizado, o ensino deve priorizar a clareza da comunicação, permitindo que o falante seja compreendido em diferentes contextos internacionais. Essa abordagem é especialmente relevante no cenário atual, em que o inglês funciona como língua franca e é utilizado por falantes de diversas origens linguísticas.

Dessa forma, o referencial teórico deste estudo fundamenta-se na articulação entre os aspectos fonéticos e fonológicos do inglês e do português, na análise da interferência da língua materna e na valorização de estratégias pedagógicas que promovam a percepção auditiva, a produção articulatória e a confiança comunicativa dos aprendizes. A integração desses elementos é essencial para o desenvolvimento de práticas de ensino mais eficazes e alinhadas às necessidades reais dos estudantes brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das práticas pedagógicas observadas nas três escolas de idiomas em Patos revelou um padrão recorrente: a fonética e a fonologia são frequentemente tratadas de forma superficial, com foco predominante na gramática e no vocabulário. Essa constatação corrobora a crítica de Lago (2013), que aponta a negligência do ensino fonético nos currículos tradicionais de língua inglesa, especialmente nos níveis iniciais.

Durante as observações, notou-se que os professores raramente dedicavam tempo específico para o ensino articulatório dos fonemas mais problemáticos, como /θ/ e /ð/. Em vez disso, a correção da pronúncia ocorria de forma pontual e reativa, geralmente quando o erro comprometia a compreensão. Essa abordagem, embora compreensível diante das limitações de tempo e conteúdo programático, não favorece o desenvolvimento sistemático da competência fonológica.

1. Dificuldades Articulatórias Mais Frequentes

Os dados empíricos indicam que os fonemas interdentais /θ/ (como em "think") e /ð/ (como em "this") são os mais desafiadores para os aprendizes brasileiros. A ausência desses sons no português leva à substituição por fonemas mais familiares, como /s/, /t/, /d/ ou /f/, o que

pode gerar confusões semânticas. Um exemplo recorrente foi a pronúncia de "think" como "fink", erro que compromete a inteligibilidade e pode causar ruídos na comunicação.

Além disso, os alunos demonstraram dificuldade em distinguir vogais curtas e longas, como /i/ e /i:/, e em manter o padrão rítmico do inglês, que é baseado em sílabas tônicas. A prosódia do português, mais silábica, interfere na fluência e entonação, tornando a fala menos natural aos ouvidos de falantes nativos ou proficientes.

2. Estratégias Pedagógicas Observadas

Apesar das limitações, algumas práticas eficazes foram identificadas. Professores que utilizaram atividades de escuta ativa, como ditados fonéticos, shadowing e repetição com feedback imediato, obtiveram maior engajamento dos alunos e melhora perceptível na produção oral. A gamificação, quando aplicada, mostrou-se especialmente útil para reduzir a ansiedade e aumentar a motivação, criando um ambiente mais propício à experimentação fonética.

A seguir, apresenta-se um quadro-resumo com as estratégias observadas e seus efeitos percebidos:

Estratégia Aplicada	Frequência nas Aulas	Efeito Percebido pelos Alunos
Shadowing (repetição simultânea)	Média	Aumento da fluência e da entonação
Exercícios de articulação com espelho	Baixa	Melhora na consciência articulatória
Feedback fonético imediato	Alta	Correção pontual, mas pouco sistemática
Gamificação (jogos fonéticos)	Baixa	Aumento da motivação e da participação
Treinamento auditivo com áudios	Média	Melhora na percepção de contrastes vocálicos

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Esses achados dialogam com os estudos de Araújo (2010), que destaca a importância do treinamento auditivo e da exposição contínua aos sons do inglês para o desenvolvimento da percepção fonêmica. No entanto, como a autora ressalta, a melhora na percepção nem sempre

se traduz em produção oral mais precisa no curto prazo, o que reforça a necessidade de estratégias pedagógicas integradas e de longo prazo.

3. Percepção dos Alunos

Entrevistas informais com os alunos revelaram sentimentos ambíguos em relação à pronúncia. Muitos reconhecem a importância de falar com clareza, mas sentem-se inseguros ao tentar produzir sons desconhecidos. A ausência de instrução fonética explícita contribui para essa insegurança, pois os alunos não sabem como posicionar os órgãos articulatórios ou como treinar a produção dos fonemas mais difíceis.

Alguns relataram que evitam certas palavras por medo de errar a pronúncia, o que limita seu vocabulário ativo e sua fluência. Esse dado é relevante, pois indica que a falta de domínio fonético pode afetar não apenas a inteligibilidade, mas também a autonomia comunicativa do aprendiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender com maior profundidade os desafios fonéticos e fonológicos enfrentados por falantes de português brasileiro na aprendizagem da língua inglesa, especialmente no que se refere à produção oral e à inteligibilidade comunicativa. Os dados empíricos, aliados ao referencial teórico, evidenciam que a interferência da língua materna é um fator determinante na ocorrência de erros de pronúncia, sendo os fonemas interdentais e as vogais com distinções de duração os principais pontos de dificuldade.

As observações realizadas em escolas de idiomas de Patos revelaram que, embora haja reconhecimento da importância da pronúncia, o ensino fonético ainda é tratado de forma secundária, com foco predominante em aspectos gramaticais e lexicais. Essa abordagem limita o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, que muitas vezes se sentem inseguros ao falar e evitam o uso de palavras cuja pronúncia desconhecem ou consideram difícil.

Por outro lado, práticas pedagógicas que envolvem treinamento auditivo, exercícios articulatórios e uso de recursos interativos demonstraram potencial para melhorar a percepção e a produção dos sons do inglês. Técnicas como shadowing, feedback fonético imediato e gamificação contribuem para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, motivador e eficaz, reduzindo barreiras emocionais e promovendo maior autonomia comunicativa.

Diante desses achados, é possível afirmar que o ensino da fonética deve ser integrado de forma sistemática ao currículo de língua inglesa, desde os níveis iniciais, com foco na inteligibilidade e na comunicação efetiva. A correção da pronúncia deve ser conduzida com sensibilidade, respeitando o ritmo de aprendizagem e a identidade linguística dos alunos, sem impor padrões nativos como modelo único de sucesso.

Como contribuição para a comunidade científica e educacional, este estudo reforça a necessidade de formação continuada dos professores de inglês, com ênfase em fonética e fonologia, e propõe a ampliação das estratégias pedagógicas voltadas à pronúncia. Sugere-se que futuras pesquisas adotem abordagens longitudinais, com maior diversidade de contextos e perfis de aprendizes, a fim de avaliar o impacto das intervenções fonéticas ao longo do tempo e propor modelos didáticos mais eficazes e adaptados à realidade brasileira.

Em síntese, a superação das dificuldades fonológicas no aprendizado do inglês por falantes de português requer não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade pedagógica, inovação metodológica e compromisso com a formação integral do aluno como sujeito comunicativo no mundo globalizado.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado, com profunda gratidão e carinho, à memória da professora orientadora Kelly Kelty Faustino Lucena, que nos deixou precocemente, mas cuja presença permanece viva em cada linha deste artigo. Sua paixão pelo ensino, sua dedicação incansável e sua capacidade de inspirar alunos em todos os segmentos, desde o ensino médio ao superior, e também pelas escolas de idiomas, que deixaram marcas indeléveis em nossas trajetórias acadêmicas e pessoais.

Kelly era mais do que uma educadora: era uma mentora, uma guia e uma fonte constante de incentivo. Sua generosidade intelectual e afetiva transformava salas de aula em espaços de acolhimento e descoberta. Mesmo diante dos desafios, ela acreditava no potencial de cada aluno e nos ensinou que o conhecimento só tem valor quando compartilhado com empatia e propósito.

A ela, nossa eterna admiração e reconhecimento. Que este artigo represente não apenas uma contribuição científica, mas também uma homenagem à sua memória e ao legado que construiu com amor, competência e humanidade.

REFERÊNCIAS

JORGE—UFCG, Ana Beatriz Miranda; BENÍCIO—UEPB, Isabelle Coutinho Ramos. O AUXÍLIO DA FONÉTICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA.

LAGO, Rubens do Nascimento. As contribuições da fonética para aquisição da Língua Inglesa como segunda língua.

ARAÚJO, Letícia Maria Martins et al. Ensino da Língua Inglesa: contribuições da fonética, fonologia e do processamento auditivo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 22, p. 183-188, 2010.

STEINBERG, Martha. Pronúncia do inglês norte-americano. 1985.